

A partir dessas considerações feitas por Hegel é introduzido o tema da verdade da arte, que é o Espírito posto em sua forma sensível. O objetivo da arte é o de representar Deus, procuramos na arte a verdade que se dá com a revelação do divino. Para tanto, é feita uma comparação da arte com a história onde a obra de arte tem precedência sobre a realidade e outra comparação da arte com a religião. Nesta, a arte é insatisfatória, pois proporciona um paraíso a conta-gotas, não é eterna. A arte não proporciona mais a satisfação das necessidades espirituais, satisfaz a necessidade espiritual pontualmente, em momentos. Aqui se dá o ponto de partida para se pensar a questão da Morte da Arte, entretanto, é necessário entender primeiramente mais alguns aspectos do esquema feito por Hegel em sua introdução do “Cursos de Estética”

Hegel classifica de forma evolutiva, levando em consideração a historicidade da arte, as modalidades sucessivas de expressão artística, tratando as três relações da idéia com sua configuração. A idéia é o ponto de encontro da racionalidade e da verdade, onde a idéia Absoluta é a totalidade, arte como expressão da idéia, tanto quanto concreto, quanto realidade. A idéia é ao mesmo tempo realidade e espiritualidade. Dessa forma o filósofo divide a expressão artística da seguinte forma: simbólico, clássico e romântico. Nesses três momentos é exacerbada a imagem plástica de Deus. No simbólico “a Idéia ainda não encontrou a forma em si mesma e permanece assim apenas numa luta e aspiração por ela”¹ Essa forma de arte demonstra a totalidade do mundo e da vida, cuja intenção pretende demonstrar que existe um símbolo da totalidade. A arquitetura, que é a arte das proporções do espaço, é o melhor exemplo deste tipo de arte. Aqui se toma como referência as grandes culturas orientais da Índia, Pérsia e Egito.

No clássico há uma perfeita adequação entre forma e conteúdo. É caracterizado pelo perfil grego de idealização do corpo, perceptível na escultura. O corpo humano perfeito é a forma encontrada e a imagem adequada do deus, este concentrado em si mesmo. A escultura grega era um ato religioso, o culto às imagens satisfazia o sentimento religioso daquele povo. “A forma de arte romântica novamente suprime a completa unificação da Idéia com a sua realidade e se põe a si mesma, ainda que de um modo superior, atrás da diferença e da oposição dos dois lados que na forma de arte simbólica permaneciam insuperados”² Sendo assim, o concreto é em si a unidade da natureza humana e divina. Hegel postula que o conteúdo da arte romântica coincide com o cristianismo, e Deus é

considerado como absoluto no Espírito e na verdade, acima do Espírito. Assim, a arte romântica se ultrapassa, no seu interior e na sua forma artística. Os casos exemplares dessa forma de arte são a pintura, a poesia com o ideal de amor cristão e a música.

A partir da leitura da obra de Hegel, podemos perceber que toda ela já anuncia o problema da arte, o que significa pensar que toda a Estética pode ser vista como uma dissolução da arte. Aí se encontra a necessidade de se explicar o sistema seguido por Hegel no início da apresentação. Esse sistema, como vimos, se dividiu entre as artes simbólica, clássica e romântica através da idéia do Belo. A Morte da Arte está relacionada a uma questão sistemática, toda voltada para as concepções do mundo. Nesta filosofia sistemática de Hegel, a arte é o domínio do ideal, superior à natureza, que constitui a primeira manifestação do Espírito Absoluto, se exteriorizando na religião e conquistando na filosofia a sua completa e definida expressão. Os diferentes modos de arte são então os meios que o Espírito adota para vencer a matéria. Segundo Hegel, a arte é essencialmente um problema e o filósofo ainda completa que “os belos dias da arte grega assim como a época de ouro da Baixa Idade Média passaram”³ Hegel ainda afirma que “a arte também perdeu para nós a autêntica verdade e vitalidade e está relegada à nossa representação, o que torna impossível que ela afirme sua antiga necessidade na realidade efetiva e que ocupe seu lugar superior”⁴ Talvez aqui o filósofo demonstre que essa foi uma das características para que os tempos pós-renascentistas não fossem favoráveis à arte, submetendo-a, a partir de então, à cultura da reflexão, assim como o artista que se torna também um tipo reflexivo, a interrogar-se sobre o destino e o sentido de suas próprias criações. O artista que questiona a arte do seu tempo, perde a certeza da arte como algo incontestável, como faziam os gregos.

Para se pensar a questão da Morte da Arte em Hegel é preciso levar em conta outras instâncias, como são os casos da moral e da religião. A religião para Hegel destina-se à consciência dos interesses do Espírito. A arte se apresenta como um fenômeno da religião e toda esta esfera religiosa está relacionada à historicidade artística quando se fala em arte. Desde a arte simbólica até a arte romântica caracterizadas pelo filósofo é linear o conjunto arte-religião. Através da evolução histórica, evoluem também arte e religião no texto de Hegel, fato que pode ser percebido, pois o filósofo é um grande conhecedor da evolução histórica e religiosa no âmbito das

The first part of the document discusses the importance of maintaining accurate records of all transactions. It emphasizes that every entry, no matter how small, should be recorded to ensure the integrity of the financial statements. This includes not only sales and purchases but also expenses and income.

The second part of the document provides a detailed breakdown of the accounting cycle. It outlines the ten steps involved in the process, from identifying the accounting entity to preparing financial statements. Each step is explained in detail, with examples provided to illustrate the concepts.

The third part of the document discusses the various types of accounts used in accounting. It categorizes them into assets, liabilities, equity, revenue, and expense accounts. It also explains how these accounts are used to record transactions and how they are balanced at the end of each period.

The fourth part of the document discusses the importance of adjusting entries. It explains how these entries are used to ensure that the financial statements reflect the true financial position of the company at the end of the period. Examples are provided to show how adjusting entries are recorded and how they affect the accounts.

The fifth part of the document discusses the preparation of financial statements. It outlines the steps involved in preparing the balance sheet, income statement, and statement of owner's equity. It also discusses the importance of providing a clear and concise explanation of the results of the financial statements.

The sixth part of the document discusses the importance of internal controls. It explains how these controls are used to prevent and detect errors and fraud. It also discusses the various types of internal controls that can be implemented in a business.

The seventh part of the document discusses the importance of ethics in accounting. It explains how accountants are expected to act in a fair and honest manner and to follow the principles of professional conduct. It also discusses the consequences of unethical behavior.

The eighth part of the document discusses the importance of communication in accounting. It explains how accountants must be able to communicate effectively with their clients and colleagues. It also discusses the various ways in which accountants can improve their communication skills.

The ninth part of the document discusses the importance of technology in accounting. It explains how the use of accounting software can help to streamline the accounting process and reduce the risk of errors. It also discusses the various types of accounting software that are available.

The tenth part of the document discusses the importance of continuing education in accounting. It explains how accountants must stay up-to-date on the latest developments in the field. It also discusses the various ways in which accountants can pursue continuing education.

não foi tratada de forma específica pelo filósofo na introdução, entretanto, percebo nesta passagem a demonstração do filósofo de que há uma contrariedade. Para esta afirmação o filósofo faz o seguinte raciocínio: a questão do fim subentende um objeto, que parte do essencial e para servir fins morais, a obra de arte deve possuir um conteúdo moral. Quando consideramos um objeto do ponto de vista de sua natureza essencial, pensamos nas condições que nele intervêm. Se virmos no objeto uma determinação imanente ao próprio objeto, somos levados a considerar a obra em si e para si, segundo sua natureza e conceito. Assim se dá o fim supremo, quando a Idéia deve servir de referência à arte, que nela encontra seu fim e desenvolve-se na idéia de contrariedade. Tal idéia me leva a pensar que o grande parentesco entre a arte e a ética é que o espírito se manifesta na sua liberdade: no caso da ética, liberdade moral, e no caso da obra de arte, liberdade enquanto criador, na confecção da obra. A obra de arte, na medida em que se desvincula das formas clássicas, passa a se desligar do conteúdo moral nela contido. Penso que essa interpretação pode ser feita desta forma, pois a grande preocupação na arte passa a ser o aspecto social, onde os romancistas retratam suas lutas e vitórias dentro de um contexto histórico, ao contrário dos renascentistas mais preocupados em humanizar o divino.

É possível pensar o tema Morte da Arte, levando em consideração uma das formas da arte: a pintura. Hegel considerou desde a arquitetura até a poesia, como espécies de arte, sem diminuir o caráter de nenhuma delas, apesar de à poesia ter concedido algum privilégio. O filósofo escreveu um volume dedicado à arte romântica, onde se incluem pintura e música. Quais motivos me levaram a privilegiar a pintura ao invés da poesia quando o tema é a Morte da Arte? O primeiro motivo e o mais evidente é o aspecto religioso. É importante considerarmos o tipo de arte experimentado por Hegel e o tipo de pintura pelo qual o filósofo teve tanta paixão, para que possamos compreender a seguinte questão: Não teria o filósofo chegado ao tema da Morte da Arte como uma espécie de resultado de sua infelicidade? Pode parecer uma idéia muito pequena tratar a pintura dentro do contexto da Morte da Arte, pois este é um tema muito abrangente, que inclui todo o sistema estético hegeliano. Mas justamente por ser um sistema, toda a expressão artística que é nele incluída, deve ser levada em consideração, pois esse sistema não existiria se cada espécie de arte, da arquitetura até a poesia não representasse um ponto culminante para o seu respectivo modo de expressão artística.

De acordo com Hegel, “A primeira das artes românticas será a pintura dado que sua característica principal consiste na manifestação da interioridade em si concentrada, resulta que a figura espacial exterior não constitui já um meio de expressão inteiramente adequado a esta subjetividade interior do espírito”⁶ O filósofo direcionará como melhor exemplo para esta característica, a pintura que explora o tema religioso cristão, nesta o divino surge como um ser vivo e espiritual que se associa à comunidade e oferece a possibilidade de estabelecer entre si e a cada uma das pessoas, uma identidade e uma mediação espirituais. A pintura torna-se capaz de exprimir a vida e o movimento, reunindo a envoltura exterior, que era da competência da arquitetura e a forma espiritual representada pela escultura. Para o filósofo a pintura elevou seu grau de desenvolvimento no cristianismo da Idade Média e Moderna, entre os séculos XVI e XVII, onde a intimidade dos sentimentos, as felicidades e sofrimentos da alma abriram à arte profundidades que só a pintura era capaz de explorar e exprimir, e que foi à força de explorá-las e exprimi-las que ela conseguiu atingir perfeição nesta fase.

Hegel considera que a verdadeira pintura exige que o tema seja apreendido pela imaginação e representado por meio de figuras que se exteriorizam, de preferência exteriorizam os seus sentimentos em ações. O filósofo considera o Renascimento como uma das maiores manifestações de amor e sensibilidade através da pintura, pois esta engrandeceu o ser humano até o seu mais alto grau de religiosidade, onde a arte se engrandece através da religião. No Renascimento, a afinidade entre arte e religião, considerando-se que são ambas manifestações do espírito, foi elevada à sua mais alta potência. Entretanto, ao espiritualizar totalmente o divino, o cristianismo faz com que a exterioridade sensível se torne inadequada como expressão. Cada expressão, cada olhar de um menino Jesus, ou da representação do Cristo morto ou crucificado, é um exemplo de contemplação da alma. O Renascimento foi uma grande paixão do filósofo, a prova é que jamais hesitou em atribuir “perfeição” total às obras de pintores como Rafael, Leonardo da Vinci e Michelangelo. Dentre as obras destes pintores destacam-se: “A adoração dos Magos” de Leonardo da Vinci, obra inacabada; “A deposição de Cristo, de Rafael, cujo conteúdo é representado pela divindade humilhada na soberania e sabedoria infinitas. Tema este acessível à arte. A originalidade da concepção pode manifestar-se livremente neste conteúdo, sem cair no exagero e no fantástico. O Deus que sofre representa a dor que se revela como um sacrifício imenso,

provocado pelo sentimento da negatividade infinita, encarnado em uma figura humana, como sentimento subjetivo. “A sagrada família” de Michelangelo, classificada por Hegel como uma das grandes perfeições da pintura renascentista, “A Adoração da Santíssima Trindade”, de Dürer, pintor renascentista alemão muito citado por Hegel; “O retábulo do Cordeiro: Deus pai, a Virgem, o Batista”, do pintor renascentista holandês Van Eyck, onde em sua obra predomina a expressão de calma eterna, grandeza, poder, dignidade. Para Hegel estes pintores além de representarem a alma com perfeição, também possuíam técnicas brilhantes para a confecção das obras, tais como as cores, a luz e a composição.

Do Renascimento nasce a passagem para o Rococó, que se caracteriza pela arte de uma aristocracia e de uma alta burguesia; se caracterizando por algo novo, absolutamente diverso da renascença. O Renascimento que se caracteriza pela polaridade do rigorismo formal e do amorfismo naturalista é então substituído pelo antagonismo entre racionalismo e sentimentalismo, materialismo e espiritualismo, classicismo e romantismo. O epicurismo do rococó situa-se, pelo seu sensualismo e esteticismo, entre o estilo cerimonial do barroco e o emocionalismo do movimento pré-romântico, onde o tema favorito dos artistas passa a ser o nu feminino. Não teria essa separação entre arte e religião gerado um processo de infelicidade que levou Hegel a vaticinar a Morte da Arte? Para entendermos esta questão é necessário compreendermos a fase do Rococó, pois esta é o grande marco da difusão da renascença e ainda é necessário compreender o Romantismo que foi o momento experimentado por Hegel. Assim após o Rococó surge o naturalismo, classicismo, até chegar ao romantismo, que se caracterizou por assumir atitudes de caráter irracional e não dialético, assim é fácil perceber a evolução extraordinária pela qual passa a pintura, no sentido de uma ruptura com as concepções anteriores.

Todo o século XIX dependeu do romantismo. Os romancistas se caracterizavam pela consciência de seu passado histórico e então recorriam ao passado para perceber o futuro real. Para Hauser, “Os românticos reconheceram no cristianismo a grande linha divisória da história do Ocidente e descobriram a comum natureza romântica de todas as culturas individualistas, reflexivas, inquisitivas, derivadas do cristianismo”⁷ Dentre as várias obras de arte da fase romântica, destacam-se: “Aníbal atravessando os Alpes” de Turner, que trabalhava os sentimentos com muita dramaticidade; “Os fuzilamentos de três de maio de 1808”, de Goya, que aprendeu com sua própria doença a ter grande compaixão com o

sofrimento alheio; “A jangada do Medusa”, de Géricault, que sofreu grande influência de seu contemporâneo Delacroix com quem aprendeu a retratar a morte e “A liberdade guiando o povo”, de Delacroix, onde é representado um grande amor pela democracia.

Se pensarmos na questão arte-religião e estética da época, percebemos que há muitas diferenças com o período renascentista. Não teria Hegel, um apaixonado pela arte renascentista e desiludido com a arte de seu tempo, proposto a “fórmula” da morte da arte para dar vazão ou vingar-se de sua insatisfação ?

Conforme Arnold Hauser, “O romântico não se satisfaz em ser romântico, não se limita a querer retratar romanticamente a vida, quer adaptar a vida à arte e dá-se com prazer à ilusão de uma existência estético-utópica” O romântico quer se libertar da dialética e vê a obra de arte como uma descrição da realidade. A arte é considerada como auto-sugestão e ilusão cuja consciência o homem sempre tem. Aqui talvez exista mais um ponto de infelicidade, pois Hegel admite o problema do artista interrogar-se sobre o sentido e o destino de suas próprias criações. O artista, para Hegel, tornara-se inexoravelmente um tipo reflexivo, responsável portanto pelo destino da arte. Assumindo esse destino como um risco da condição do mundo em que vive, a arte se torna para o artista romântico problemática e angustiante. Segundo Benedito Nunes, o artista, já para Hegel, tinha deixado de ser um escravo da religião, para se tornar um escravo do capitalismo, já naquela época era forçado a produzir para o mercado, transformando sua obra em mercadoria. A pintura na fase romântica adquire uma forma reduzida, assim como sua questão também é reduzida a problemas técnicos e puramente formais. O assunto dos quadros perde o valor estético e o que se pinta passa a ser secundário, tornando-se importante a forma do que é pintado. Arnold Hauser faz uma comparação interessante dizendo que “nunca, até aí, um pé de couve e uma cabeça de Madona haviam sido considerados assuntos de igual valor artístico”

Pensando não apenas nesse desvincular da arte renascentista para o romântico, julgo necessário levar em consideração também o Renascimento comparado ao mundo grego. Sabendo que o Renascimento é um retorno às formas clássicas e ainda é um período, no qual o Espírito para se manifestar precisa ainda da arte, o momento “Morte da Arte” não seria o fim do mundo grego? Penso que para o Renascimento e para o mundo grego arte e religião se coincidem e dentro de um contexto histórico tanto religião quanto arte fizeram parte da formação social de um

povo, entretanto no mundo grego o conteúdo da religião é indissociável da representação artística e na forma de arte romântica, o conteúdo da religião cristã é revelado independentemente da arte. Como pensar em um deus impassível, eternamente feliz, sereno e jovem e em outro Deus, real, que sofre e morre? A arte sendo produto do Espírito, será um interior que procura exteriorizar-se, um sentido que quer tornar-se sensível.

No sentido ético, levando-se em consideração o mundo grego, é possível verificar que as culturas posteriores a este mundo foram insuficientes em relação à perfeição grega. Penso que a idealização de perfeição na pólis grega nos sentidos político, social e artístico, foram perdendo essas características. Características estas que foram apontadas por Hegel como essencial à arte. Entretanto, julgo que o fim da Renascença, cedendo lugar a uma prosaicização é o fator de maior importância no contexto Morte da Arte.

É importante enfatizar que Hegel foi um grande conhecedor da arte de seu tempo e que em hipótese nenhuma rechaçou o romantismo como forma artística, mas não podemos ignorar que foi justamente nesta fase que o divino deixou de ser fator de grande importância, o que me faz pensar que o Absoluto, já não é de fato o Deus cristão. Hegel não propõe de modo ingênuo que a arte acabou, mas sim que o sistema está relacionado à Morte da Arte e que esta última pode ser deduzida da própria necessidade do sistema. Sendo a arte manifestação do Espírito, esta cede lugar a outras manifestações superiores do Espírito, tais como a religião e a filosofia. A Morte da Arte é então sua ressurreição suprassumida nessas formas superiores do Espírito.

Bibliografia:

- BORNHEIM, Gerd. *Gênese e Metamorfose da Crítica. Caderno de Anais – Morte da Arte hoje* – Belo Horizonte. 1993.
- _____. *Páginas de Filosofia da Arte*. Ed: UAPÊ. R.J. 1998.
- DUARTE, Rodrigo. *Morte da Imortalidade – Adorno e Prognóstico Hegeliano da Morte da Arte. Caderno de Anais – Morte da Arte hoje* – Belo Horizonte. 1993.
- HAUSER, Arnold. *História Social da Literatura e da Arte*. Ed: MESTRE JOU. S.P. 1972. vol: 1.

